

Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., X, 2, 377-379

Extraviada
Raquel Capurro e Diego Nin
Buenos Aires: Edelp, 1995. (1997, 2. ed.)

Luiz Eduardo Prado de Oliveira

Extraviada

Este livro me parece ser a obra mais importante para o estudo da psicopatologia desde as célebres “Memórias” de Daniel-Paul Schreber. Antes de abordá-lo, assinalo estas circunstâncias conhecidas de todos nós, mas que vale a pena lembrar.

Buenos-Aires é mais próximo de São Paulo ou do Rio de Janeiro do que de Paris. Entretanto, como outros colegas brasileiros, só tomei conhecimento da existência deste livro quando de sua tradução em francês. Mistério dos imaginários culturais, ligados às duras realidades das vias de comunicação, que fazem que Paris ou Londres sejam mais próximos de Buenos-Aires ou de São Paulo do que a distância real entre estas duas últimas cidades. Mistério lastimoso, que nos priva “a nosotros latinos”, do acesso à nossa cultura.

Mistério mais doloroso devido às fantasias da tradução francesa, que transforma o simples título espanhol em uma caricatura de título “à la Marguerite Duras”, entre outras decisões de tradução no texto do próprio livro, às quais o leitor tendo acesso à bela língua espanhola escapará. O que não invalida o esforço da tradutora francesa, mas mostra como cada tradutor, quase para escapar ao duro trabalho que é o seu, se permite certos caprichos

duvidosos. Lembro aqui apenas Nabokov, que, traduzindo Tolstoi para o inglês, se permitia intercalar longos parágrafos de sua própria invenção entre as linhas do mestre russo. O tradutor quer *participar* à obra original, quer sentir-se *autor*, o que todavia já o é, sem necessitar ceder a suas fantasias para tanto.

Do que se trata, em *Extraviada*? Trata-se de um relato da vida de uma jovem que matou seu pai. Trata-se da descrição minuciosa das constelações familiares, sociopolíticas, culturais, administrativas que exigiram este assassinato e que acompanharam a assassina durante sua vida. Trata-se de como uma jovem estudiosa, excelente aluna, saindo de um ninho de paranóicos, torna-se paranóica, antes de passar à esquizofrenia.

Íris, este é o nome da jovem, tentou libertar sua família de um pai perverso paranóico, violento, incestuoso, cruel, de um homem que deixava publicações pornográficas ao alcance de toda sua família, que se punha nu na intimidade da vida familiar, por ser adepto do nudismo, que reivindicava sua onipotência perversa durante as refeições. Um homem que nada tem a seu favor.

Mas Íris não se deu conta que a arma que utilizava para matar seu pai, não só provinha dele, como se este pai cometesse um suicídio mediado por sua filha, mas, sobretudo, tal arma foi o significante de uma relação muito particular entre sua mãe e ela. Escapando à tirania do pai, aparece em todo seu esplendor a tirania da mãe, não menos terrível.

Os autores deste formidável trabalho de pesquisa reuniram 18 documentos: o eco na imprensa da época do ato da jovem; as primeiras declarações de Íris ao juiz, como também seu primeiro texto; as primeiras declarações de sua mãe e de seu irmão; os testemunhos de suas amigas de escola, de familiares bem raros; uma longa carta e o depoimento de Siul, o irmão, como também os escritos da mãe, Raimunda; os relatórios dos psiquiatras; o discurso dos advogados; os textos escritos por Íris no hospital psiquiátrico onde é levada duas vezes, uma primeira após o ato delituoso e uma segunda quando busca confiar a um de seus psiquiatras suas preocupações com a loucura da mãe. Íris longe estava de conhecer as lógicas próprias da psiquiatria; finalmente seus escritos sobre a infiltração do ensino público por professores impregnados de religião.

Um novo capítulo de seus delírios? Talvez. Entretanto, os excelentes pesquisadores que organizaram este livro anotam: “Quando encontramos os documentos sobre Íris, um dos atuais advogados do ensino confirmou que a instituição responsável pelo ensino prejudicou realmente Íris e que irregularidades haviam sido cometidas na enquete”, que a afastou do ensino público. Ou seja, a paranóia nunca impediu os paranóicos de terem razão.

A própria história do termo de paranóia deve interessar-nos bastante: este termo é utilizado pela primeira vez pelos trágicos gregos e, em seguida, por Platão e Aristóteles. Paranóia designa então, simples e fundamentalmente, algo não

conforme à tradição nas relações entre pais e filhos. Édipo e Orestes são paranóicos, claro. O primeiro se casa com sua mãe, o segundo a mata. Notemos, em nossa leitura de hoje, a proximidade entre o ato de Édipo e o de Orestes.

Platão e Aristóteles utilizam o termo para caracterizar um problema entre herdeiros e seus velhos pais. O primeiro preconiza uma solução interna à família para tais problemas; o segundo indica a propriedade de um conselho de cidadãos para estudar o assunto. Curiosamente, Platão considera paranóicos quem não acredita na vida após a morte e quem não acredita que os mortos participam e interferem na vida cotidiana. Baseia-se simplesmente no fato de que não acreditar nestas coisas equivale a desafiar as crenças ancestrais. Entretanto, os paranóicos não são loucos. O termo grego para loucura é mania ou melancolia.

Durante muito tempo, paranóia foi utilizada como sinônimo de loucura, sobretudo na Alemanha dos séculos XVI e seguintes, até o século XIX, quando se cria uma categoria particular de especialistas, os psiquiatras. Estes, tais novos ricos que se inventam antepassados, vão buscar o prestigioso termo grego e proporão definições cada vez mais complicadas do que significa.

Íris não é paranóica, no sentido que nunca teria tido, ou que a partir de certo momento não teria mais tido, acesso à razão. Ela se sente perseguida, mas ela o é, sempre o foi. A razão persegue. Pouco a pouco, em sua vida, as coisas começam a perder toda forma de lógica. Quem deveria protegê-la, a persegue.

Raquel Capurro e Diego Nin comparam Íris às irmãs Papin. A comparação me parece absurda: as irmãs Papin nada escreveram, nada se sabe sobre suas constelações familiares. Seu caso nunca teria passado de um *fait divers* banal, se os surrealistas e Lacan entre eles, não tivessem chamado a atenção sobre este crime, que, como todo crime, implica amplamente o imaginário e as relações especulares.

Íris apresenta um material infinitamente mais rico do que o das irmãs Papin. Com Íris, como com Schreber, podemos seguir de perto o percurso de um ser humano, entre neurose e diversas modalidades psicóticas. Ou seja, muito além da estrutura, a *dinâmica* da psicose.